

PARAÍSO DE LADRÕES

A retirada das tropas da polícia de Ipatinga foi uma das primeiras exigências do Sindicato dos Metalúrgicos de Coronel Fabriciano (então dirigido por Geraldo Ribeiro e que estendia sua base até Ipatinga), em decorrência do massacre promovido por rajadas de metralhadora e tiros disparados a esmo pelos soldados que, conforme Jorge Noman, se acovardaram ao se verem cercados por centenas de trabalhadores, reagindo à bala.

A exigência, afirma, foi aceita pela direção da Usiminas e pela polícia. “Os jornais não falavam de outra coisa e todo mundo ficou sabendo que Ipatinga era uma cidade não policiada. Esse foi o princípio da coisa. Bandidos de toda parte, ladrões, começaram a aparecer em Ipatinga. Era uma cidade-paraíso para eles, uma cidade sem polícia. E as famílias começaram a ficar horrorizadas porque as esposas, as filhas, as irmãs, não podiam sair sem serem molestadas”, conta.

DEMAGOGIA

Diante da insegurança que começou a tomar conta da cidade, Jorge relata que aliou-se a outros dois companheiros, Jaider Vasconcelos, que tinha vindo de Aimorés; e Alberto Maciel Soares, de Acesita, já com alguma experiência sindical, para tentar resolver o problema.

“Nós três nos juntamos para conversar com o presidente do Sindicato, o Geraldo Ribeiro, porque não podia ficar daquele jeito. Fomos, eu Jaider e Maciel praticamente cercar o presidente do Sindicato quando ele saísse de uma reunião que estava acontecendo no escritório central da Usiminas. Eu sabia que no meu setor, de Topografia, tinha um rapaz que era sindicalizado e ele era copista (passava os desenhos a limpo). Eu falei com ele: ‘Você podia fazer um favor, você conhece o presidente do Sindicato e nós estamos querendo falar com ele’. Aí ele disse: ‘É pra já’. Ele entrou na sala da



O sindicalista era considerado um grande orador

diretoria da empresa e conversou com o presidente do Sindicato. Eu levei um susto quando ele saiu com o presidente. Eu disse ao Geraldo Ribeiro: ‘Você está ocupado, conversando um assunto sério com a direção da empresa. Nós estamos aqui esperando e na hora que você sair a

gente conversa. Nosso assunto não é tão importante quanto o seu’. Ele virou para mim e falou assim: ‘Não, companheiro, conversar com o trabalhador é mais importante do que conversar com qualquer pessoa’. A minha reação foi triste. Eu não conhecia bem a vida sindical, nunca fui sindicalizado, então pensei: ‘Mas que demagogia lascada. A cidade não tem policiamento, ele tratando de um assunto sério e vem me dizer que é mais im-

Bandidos de toda parte, ladrões, começaram a aparecer em Ipatinga. Era uma cidade-paraíso para eles, uma cidade sem polícia

portante falar comigo, sem saber nem o que eu quero’. Era demagogia pura e fiquei revoltado”.

Mesmo revoltado com o que considerou um gesto demagógico, Jorge Noman e os outros companheiros explicaram o que estava acontecendo e pedi-

O BELO-ANTÔNIO

Homem de personalidade forte e de opinião, Jorge Noman não costumava abrir mão de alguns prazeres que cultivava, entre os quais, viajar e desfrutar as boas coisas da vida. Quando presidente do Sindipa, era dono um vistoso Simca Chambord, carro de fazer inveja em muito “peixe graúdo” da Usiminas e que o diferenciava da maioria dos assalariados. Certa feita lhe foi sugerido que vendesse o carro. A história é a seguinte: “Em Ipatinga eu tinha um Simca Chambord, que chamavam de belo-antônio, porque era bonito, mas impotente. Um carro bonito toda vida. Lilás, duas cores. Um engenheiro muito meu amigo, o Aclimar da Silva Reis, um dia se virou para mim e disse: ‘Ô Jorge, você tem que vender este carro e comprar um outro’. Eu perguntei porque e ele disse que o carro era mais bonito que o carro das chefias. Aí eu falei: ‘Azar das chefias, eles que procurem comprar um mais bonito. Se os trabalhadores não me aceitam com o carro que eu tenho, votem no adversário. Não vou vender o carro que tenho para agradar ninguém. Nunca fiz isso.’